

O papel da escola, família e professor na formação do leitor literário

Teresa Cristina Aliperti França Domingues¹ 

Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, S.P. Brasil.

1

Resumo

A escola, a família e o professor, desempenham papel fundamental na formação de leitores. O presente estudo se debruça nessa tríade, buscando compreender a relação holística necessária entre esses agentes no processo de formação do leitor e do leitor do texto literário, bem como a importância do papel de cada um deles nessa trajetória. Também explora, como esses papéis se interligam para que o aluno tenha sucesso no ambiente escolar, na vida e em sua formação como leitor – cidadão. Com isso, intenta propor algumas ações e sugestões na formação continuada dos professores, formação e conscientização da gestão escolar e conscientização das famílias sobre a importância da literatura como instrumento de cidadania.

Palavras-chave: Escola. Família. Professor. Texto literário. Leitura.

The role of school, family and teacher in the formation of literary readers

Abstract

The school, the family and the teacher play a fundamental role in the formation of readers. The present study focuses on this triad, seeking to understand the necessary holistic relationship between these agents in the formation process of the reader and the reader of the literary text, as well as the importance of the role of each one of them in this trajectory. It also explores how these roles are interconnected so that the student may succeed in the school environment, in life and in his/her formation as a reader – citizen. Therefore, it tries to propose some actions and suggestions in the continuing education of teachers, training and awareness of school management and awareness of families concerning the importance of literature as an instrument of citizenship.

Keywords: School. Family. Teacher. Literary text. Reading.

1 Introdução

Desde que ingressei, em 2006, como professora efetiva do Ensino Fundamental I, na Rede Pública Estadual de São Paulo, tenho constatado a falta do hábito da leitura na grande maioria dos alunos, o que, na verdade, representa

pequena amostra de um problema que atinge o nosso país. Hábito, aqui, compreendido não como mera repetição ou ato mecânico, mas como necessidade, prazer que faz parte do sujeito, da sua vida. Daí a relevância do desenvolvimento do hábito e prazer da leitura na criança desde a mais tenra idade.

A escola é centro de formação de leitores, com o respaldo do professor, de sua atuação e práticas de incentivo, o que nos leva a refletir acerca da importância do papel do professor-mediador na formação do hábito da leitura e, conseqüentemente, na formação do leitor literário.

É fato que a leitura e a escrita são práticas culturais fundamentais para a inclusão social do indivíduo e instrumentos essenciais para sua transformação e organização como sujeito. Quando se apropria da leitura e da escrita como hábitos cotidianos, o sujeito se torna autônomo e capaz de ir à busca de suas necessidades. Desta forma, a leitura e a escrita podem ser vistas como responsáveis pela transformação social capaz de reduzir a desigualdade de uma sociedade, como necessidade e direito capazes de propiciar a participação consciente do indivíduo nas decisões e destinos da comunidade, o pensamento divergente e reflexivo e, também, pensamento que busca significações. Conforme defende Emília Ferreiro (*apud* CASTRILLÓN, 2011, p. 19), “a leitura é um direito, não é um luxo nem uma obrigação. É um direito de todos que, além disso, permite um exercício pleno da democracia”. Fica claro, assim, a importância da Educação e da Cultura para o desenvolvimento de uma sociedade igualitária, ou seja, cidadã.

O presente artigo surge da minha vivência em sala de aula, de experiências, questionamentos, dúvidas, tentativas e erros, e observação sobre o comportamento dos alunos no Ensino Fundamental I, experiências essas embasadas por estudos realizados na área da leitura e que dialogam com as práticas propostas pelo *Programa Ler e Escrever*. Este Programa – projeto estendido ao governo de São Paulo pela prefeitura de São Paulo – é composto de um conjunto de linhas de ação articuladas que inclui formação, acompanhamento, elaboração e distribuição de materiais pedagógicos e outros subsídios, constituindo-se, dessa maneira, como uma política pública para o Ciclo I, que busca promover a melhoria do ensino em toda a rede estadual. Sua meta é alfabetizar todas as crianças com até 8 anos de

idade matriculadas na rede estadual de ensino, bem como garantir recuperação da aprendizagem de leitura e escrita aos alunos dos demais anos do Ciclo I do Ensino Fundamental.

Almeja-se, por meio da discussão proposta, o repensar do papel do professor-mediador, da família e da escola na formação de leitores literários, objetivando investigar e discutir possibilidades de formar cidadãos leitores que possam desfrutar das diversas potencialidades advindas dos textos literários. Afinal, a literatura não é a única fonte de resgate do humano que existe em todos nós, mas, faz-se necessário recuperar o seu poder de humanização.

3

2 O papel da escola na formação do leitor

Várias perguntas poderiam ser feitas em relação à atual situação da leitura no Brasil para que possamos entender melhor a nossa realidade: Os projetos de leitura são realmente realizados em grande escala? Existe uma política de cobrança para que os projetos existentes sejam colocados em prática? A família, os professores, os técnicos em educação, a sociedade como um todo, sabem da importância da leitura e do texto literário para a vida do sujeito, e o impacto positivo que isso pode causar na sociedade?

Deparamo-nos, atualmente, com uma situação controversa nas escolas. Apesar da importância das práticas de leitura do texto literário na formação do leitor e do leitor literário ser amplamente conhecida, as práticas efetivamente realizadas no ambiente escolar não propiciam o desenvolvimento desse leitor.

Um dos principais papéis da escola é garantir a inserção do aluno na cultura letrada, para poder exercer e se beneficiar dos deveres e direitos como cidadão. Não é isto, de modo geral, que observamos no dia a dia escolar.

Minha experiência como professora efetiva do Ensino Fundamental I, da Rede Pública Estadual de São Paulo, desde 2006, tem mostrado quão distantes do objetivo de formar leitores nos encontramos, pois o prazer e o hábito da leitura não são cultivados na grande maioria dos alunos. Segundo Dios (2000), o modelo de Educação Brasileiro enfatiza o conhecimento quantitativo, o saber acrítico e a

memorização. Em geral, os professores não se veem como produtores de conhecimento e, sim, como meros consumidores do que foi produzido por diferentes pensadores.

De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil 3* (FAILLA, 2012), realizada pelo Instituto Pró-Livro, apenas um pequeno número de alunos continua lendo após o término do ensino médio. Isso nos permite afirmar que a escola não tem conseguido formar leitores, o que pode ser justificado por diversos motivos. Um deles seria a falta de um trabalho sistemático com a leitura, buscando a aquisição do prazer e hábito da leitura através de diferentes práticas que deveriam fazer parte do currículo escolar e, conseqüentemente, ser praticado por todos.

Como pedagoga e professora, tenho desenvolvido, aprimorado e trabalhado com meus alunos, diferentes práticas de leitura advindas de minha experiência em sala de aula, com resultados concretos e sucesso no processo de formação de leitores. Minha experiência permite crer que o objetivo do Ensino Fundamental I (1º ano ao 5º ano) deveria centrar-se no desenvolvimento do prazer e do hábito da leitura nos alunos, repertoriando-os com diferentes obras, autores e gêneros, para que, no Ensino Fundamental II (6º ano ao 9º ano) e Médio, pudesse ser desenvolvido um trabalho ainda mais aprofundado com os textos literários.

Para que isso possa ocorrer, entretanto, o aluno necessita ser exposto, ser aproximado das obras, por meio da leitura dos textos integrais desde os anos iniciais, leituras essas feitas tanto pelo professor quanto pela família.

Encontramos no momento, no Brasil, trabalhos sendo desenvolvidos na área de leitura, com bons resultados, mas que não atingem a todos. O que acaba prevalecendo, desta forma, são iniciativas isoladas de profissionais competentes que desempenham com afinco o papel de mediadores na formação do leitor por acreditarem na importância para o estudante.

O maior desafio parece estar em mobilizar a sociedade no tocante à importância da leitura e, em especial, da leitura do texto literário para o desenvolvimento pleno do sujeito e o exercício pleno da cidadania. Conseqüentemente, teríamos uma maior preocupação com a formação do professor na área da leitura, elemento imprescindível no processo de formação de leitores.

Acredito que se a formação do professor tivesse como objetivo o desenvolvimento da criatividade e a conscientização de sua dimensão humana, seria possível à escola atender às necessidades fundamentais na preparação de leitores críticos e criativos através dos textos literários.

Da mesma forma, se o senso crítico, a reflexão e a autonomia do indivíduo fossem considerados fundamentais para a sua formação, a leitura do texto literário certamente estaria presente no cotidiano escolar e ocuparia um lugar de destaque no currículo.

Neste viés, o objetivo principal da educação deveria ser o de trabalhar a percepção do sujeito, de educar os sentidos, o que poderia ser feito por meio do texto literário, visto que, conforme já discutimos, este trabalho contribui decisivamente para tornar o indivíduo em um ser crítico, criativo e ativo. Esse processo inicia-se, por sua vez, com o desenvolvimento da autonomia do aluno, o que pode ser feito por meio das escolhas de obras, passo importante para que possa continuar fazendo escolhas na vida. O professor necessita motivar o encanto da leitura no aluno, aproximá-lo das obras, para que possa apreciá-las, entendê-las e produzir sentido a partir do diálogo que ele faz com o texto. A partir do desenvolvimento desta autonomia, o indivíduo continuará praticando a leitura mesmo quando finalizar seu período de formação escolar. Assim, se a escola conseguir atingir esse objetivo, será responsável por formar o sujeito leitor que, por sua vez, poderá influenciar na formação de outros leitores, dando sequência a um processo de formação contínua que acabará fazendo parte do dia a dia da escola e da família. Fica evidente, aqui, a importância do papel do professor-mediador desde os anos iniciais e durante a vida escolar do sujeito para, posteriormente, adquirir autonomia.

Outra prática imprescindível em nosso contexto é a aproximação da Academia no dia a dia de sala de aula, para que o trabalho produzido nas universidades possa realmente ser utilizado no cotidiano escolar, bem como fazer parte do currículo nacional do curso de Pedagogia e Letras, auxiliando a formação dos professores na área da leitura. Além disso, é preciso incentivar o papel das bibliotecas e bibliotecários na promoção da leitura e da escrita como práticas

fundamentais para a inclusão social. Nesse aspecto, o papel da família também precisa ser resgatado como um dos fatores mais importantes na formação do sujeito cidadão bem como na formação do leitor.

De acordo com o *Programa Ler e Escrever* (2014; 2015), a ação do professor é primordial no processo de formação do leitor. Cabe a ele considerar as crianças como seres únicos, provenientes de diferentes famílias, com necessidades e jeitos próprios de se desenvolverem e aprenderem. Pressupõe-se, para isso, um profissional flexível, observador, capaz de ter empatia com os alunos e suas famílias, além dos conhecimentos didáticos imprescindíveis a uma boa atuação pedagógica. Necessário também incluir as famílias como parceiras da ação educativa, o que significa ir além de respeitar a diversidade, ou seja, considerá-las competentes e interlocutoras em diferentes situações de aprendizagem propostas para as crianças.

É válido, aqui, salientar a importância da prática e teoria estarem sempre em constante diálogo, bem como a necessidade de um contexto em que predomine o processo de reflexão constante por parte de todos os envolvidos no trabalho de formação do leitor.

Para que o indivíduo possa conseguir realizar a leitura do texto literário de forma que o compreenda e perceba o cunho artístico e poético da linguagem, faz-se necessário, por meio da educação, desenvolver o que atualmente se denomina por letramento literário, que se caracteriza, de forma bastante geral, por um conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária. É válido observar, entretanto, que o ensino e o aprendizado do letramento literário não estão restritos apenas ao espaço da escola, visto ser um fenômeno mais amplo, que abrange vários contextos da vida do indivíduo, iniciando-se na família, tendo continuidade na escola e prosseguindo durante a vida.

O nível do letramento literário se diferenciará, de forma geral, de acordo com o contexto social, econômico e cultural do indivíduo, assim como de suas necessidades e expectativas. Consequentemente, tanto o papel da família quanto o da escola são de extrema importância no processo de letramento literário do indivíduo.

A palavra letramento significa ação de letrar-se, tornar-se letrado, ou seja, adquirir um conjunto de práticas sociais (ações que são realizadas em nossa interação social) que usam a escrita em contextos específicos, para objetivos específicos. Para que isso ocorra, é necessário colocar à disposição do indivíduo obras de qualidade e ensiná-lo a apreciar o estético do texto, a fim de que perceba o diferente uso que é feito da linguagem. O papel da educação seria, assim, primordialmente, o de trabalhar a percepção do indivíduo.

7

A escola, entretanto, na maioria das vezes, não cumpre essa função de forma satisfatória, utilizando o texto literário com intuito educativo de doutrinação em vez de ensinar a apreciação do estético existente na obra. A literatura acaba desta maneira, sendo "usada" de forma utilitária.

Segundo Bajour (2012) “quando essa perspectiva predomina, a linguagem artística corre o risco de ficar reduzida tão somente a uma representação de fachada sedutora pela qual se entra para tratar de diversos temas” (p.26).

A escola precisa preparar o aluno para saber apreciar a obra tanto do ponto de vista estético quanto do ponto de vista social, moral, ético e político para o qual ela também pode ser a resposta. Em outras palavras, um dos objetivos da educação deveria ser o de propiciar o desenvolvimento do leitor literário. O leitor capaz de ler o texto literário, que pode ser ensinado na escola. Um leitor que seja capaz de escolher suas leituras e de apreciá-las. É esse leitor que almejamos formar através das práticas de leitura desenvolvidas e aplicadas durante todo o Ensino Fundamental I.

Na apresentação da edição brasileira do livro *A literatura em Perigo* de Tzvetan Todorov, Caio Meira (2009) discorre sobre a importância da escola na formação do leitor:

Para que o próprio leitor não morra como leitor, a arte poética e ficcional deve ser apresentada em primeiro lugar em seu estranho poder imprevisto, encantado, emocionante, de forma a criar raízes profundas o suficiente para que nenhum corte analítico ou metodológico venha a podar sua presença criadora, para que nenhuma de suas partes essenciais seja amputada antes que ela aprenda a se mover e nos acompanhe pelos sentidos que damos à vida à medida que vivemos (p. 12).

É ainda o autor quem evidencia a relevância do texto literário para o ser humano:

[...] se o texto literário não puder nos mostrar outro mundo e outras vidas, se a ficção ou a poesia não tiverem mais o poder de enriquecer a vida e o pensamento, então, teremos de concordar com Todorov e dizer que, de fato, a literatura está em perigo (MEIRA, 2009, p. 12).

8

Calvino (1993) ressalta a importância da escola em incentivar os alunos à leitura direta dos textos originais, porque “nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão” (p. 12). E completa o seu pensamento afirmando: “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (p. 12).

A escola, aqui mencionada de forma geral e ampla, precisa, em sua prática cotidiana, não privilegiar o aspecto pedagógico do texto literário, mas perceber como a literatura pode contribuir para enriquecer as experiências humanas. À escola urge desvendar o belo existente na literatura, o belo que alimenta a alma e que também humaniza. É importante considerar que a literatura promove a utopia, os sonhos essenciais para o processo de humanização. Quem não possui sonhos, acaba defendendo a ideia de outros e se transforma em massa para ser manipulada pela ideologia vigente.

A literatura pode, portanto, ser uma das respostas e forma de posicionamento diante dos problemas enfrentados pelo homem contemporâneo. Assim, faz-se necessária a aproximação dela com o leitor através do professor-mediador, da escola, da família, do bibliotecário e da sociedade como um todo.

3 O papel do professor-mediador na formação do leitor

É imprescindível desenvolver um trabalho com os professores durante a formação inicial e continuada na área da leitura e da literatura, a fim de que se apropriem da sua importância e aprendam a trabalhar com as práticas de leitura,

objetivando, assim, formar cidadãos leitores. Segundo Dios (2000), os alunos são considerados culpados pela falta do hábito de leitura, mas, muitas vezes, o maior problema está na formação dos professores para lidarem com os problemas culturais, sociais e pedagógicos surgidos em sala de aula. Conforme Machado (2002), "diferentes livros lidos cedo, na infância, ou adolescência, passam a fazer parte indissociável da bagagem cultural e afetiva que seu leitor incorporou pela vida afora, ajudando-o a ser quem foi" (p. 11).

9

Neste sentido, é importante que o professor seja um leitor, a fim de que possa incentivar e promover o comportamento leitor em seu aluno. Em se tratando da importância da formação do professor, Dios (2000) afirma:

[...] as universidades não privilegiam a teoria – no sentido de reflexão crítica sobre a práxis – como assunto central. A separação hierárquica entre professores e acadêmicos indica uma divisão sociopolítica entre fazedores e pensadores... como se tal separação fosse possível. Estudantes de letras não tem voz ativa na organização do saber. Como docentes, não serão críticos (p. 198).

É ainda a mesma autora que enfatiza a importância da conscientização dos futuros professores de literatura "que educar é uma instituição política, ou seja, compromisso com a produção de um conhecimento que possa contribuir para uma sociedade menos desigual" (DIOS, 2000, p. 44).

Sensibilizar o professor e a todos que trabalham na escola para que o trabalho iniciado por um professor continue no ano seguinte é primordial. Por conta disso, a direção da escola necessita também ter uma boa formação na área da leitura, para, assim, poder orientar e cobrar a sua equipe com o propósito de manter a continuidade do trabalho durante a vida escolar do aluno. Para que isso possa ocorrer, pontua-se a necessidade da troca de experiência entre os professores e entre eles e a direção da escola sobre o trabalho desenvolvido. Segundo Bajour (2012, p. 74), "seria desejável que as próprias instituições educacionais abrissem tempos e espaços para que os escritos e as experiências dos professores circulassem, fossem discutidos e se difundissem".

Outro fator relevante para a leitura do texto literário é o vínculo adequado entre professor e aluno. Segundo Candido, no prefácio da obra *Literatura/ Ensino: uma problemática*, de Maria Thereza Fraga Rocco (1981):

E talvez seja mesmo o elemento básico, cuja falta pode comprometer a formação da sensibilidade e a transmissão viva do conhecimento, isto é, a que promove uma incorporação real a personalidade. Sem esse vínculo pouco se obtém, por mais corretos que sejam os métodos e por mais sólidas que sejam as concepções. Para além dos métodos está a possibilidade de tornar atuante esta relação criadora, porque a literatura funciona de maneira algo misteriosa e indefinível, acima dos propósitos do educador e muito além da consciência do educando (p. xiii).

É válido ressaltar a importância de algumas atitudes do professor, as quais influenciam tanto no aprendizado de uma maneira geral quanto na formação do sujeito, e que colaboram também para a formação do leitor. Atitude de acolhimento dos alunos e das famílias para que se sintam pertencentes ao ambiente escolar; atitude de respeito e educação mútua; trabalho contínuo com o desenvolvimento da autoestima e ter altas expectativas, são algumas delas. Segundo Bajour (2012):

Acreditar que os leitores podem lidar com textos que os deixem inquietos ou em estado de interrogação é uma maneira de apostar nas aprendizagens sobre a ambiguidade e a polissemia na arte e na vida. Nem todos os silêncios precisam ser preenchidos, menos ainda aqueles que constituem o modo de ser de gêneros como o fantástico, o humor absurdo e a poesia (p. 35).

Primordialmente, está a contribuição para que os alunos sejam sujeitos *do e no* processo de ensino-aprendizado, permitindo "que o educando vá sendo o artífice de sua formação" (FREIRE, 1996, p. 70). Portanto, possuir uma postura dialógica, aberta, curiosa e indagadora apresenta-se como uma condição de extrema importância. Tal postura é defendida também por Bajour (2012), para quem a concepção dialógica da escuta faz parte de todo ato de leitura em que se busque abrir significados e expandi-los de modo cooperativo sem precisar concluí-los. É a mesma autora quem ressalta as palavras dos mediadores em suas conclusões avaliativas sobre o trabalho realizado com o projeto de leitura:

[...] a escuta é, antes de tudo, uma prática que se aprende, que se constrói, que se conquista, que demanda tempo. Não é um dom ou talento, tão pouco uma técnica que se resume em seguir certos procedimentos para escutar com eficácia. É fundamentalmente uma atitude ideológica que parte do compromisso com os leitores e com os textos e do lugar conferido a todos aqueles que participam da experiência de ler (BAJOUR, 2012, p. 45).

Além desses fatores relevantes, o professor precisa estar ciente do fato de que "ensinar exige reflexão crítica sobre a prática", e que se caracteriza por um "movimento dinâmico, dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer" (FREIRE, 1996, p. 38). Freire ressalta que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a produção ou a sua construção. No processo de aprender, o professor precisa deflagrar no aprendiz uma curiosidade crescente que pode torná-lo criador. "Não há criatividade sem curiosidade" e, ainda de acordo com Freire, "o próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática" (FREIRE, 1996, p. 39). Corroborando com as ideias de Freire, Dios (2000, p. 151) assegura a necessidade de desenvolver um trabalho com os alunos para que possam ser agentes de seu aprendizado: "o papel está muito focado no professor como possuidor do conhecimento. Há também uma falta de apreciação do belo das obras, pois a ênfase é dada mais pelo estudo do conteúdo". Faz-se imprescindível, assim, ver o papel do professor como mediador, e não como o detentor das verdades. Para isso, a mudança de paradigma é fundamental, ou seja, a mudança do ensino conteudista para o ensino focado na reflexão e em uma pedagogia problematizadora. Ensino em que o professor possa aprender com seus alunos, em que o diálogo predomine. Ensino que valorize as vivências pessoais do sujeito, pois a reconstrução de sentidos, que acontece a partir da linguagem, se concretiza com base nas vivências do sujeito. Compagnon (2009) também pontua a importância de uma postura humilde por parte do professor diante do conhecimento:

[...] sempre ensinei o que não sabia e tive como pretexto as aulas que eu dava para ler o que ainda não havia lido; e para aprender, enfim, o que eu ignorava. Depois, refazia-me pensando que o

impostor seria o professor seguro de si, aquele que saberia antes de pesquisar (COMPAGNON, 2009, p. 11).

Faz-se premente o professor receber uma educação em que seja trabalhado o senso crítico, a reflexão, o diálogo, a fim de que se perceba que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua construção, no intuito de trabalhar com seus alunos de forma a construírem juntos o conhecimento significativo.

12

De acordo com Petit (2008), é fundamental o papel do professor mediador como iniciador aos livros, ou seja, como o responsável por iniciar a leitura, legitimá-la, revelar um desejo de ler e acompanhar o trajeto do leitor para que possa construir pontes. Os trajetos dos leitores são descontínuos, com interrupções breves ou longas, cabendo, portanto, ao mediador de leitura dar uma oportunidade de o leitor alcançar uma nova etapa. Lembrando, entretanto, o que afirmou Monteiro Lobato, para quem obrigar alguém a ler um livro, mesmo que seja pelas melhores razões do mundo, só serve para vacinar o sujeito para sempre contra a leitura (*apud* MACHADO, 2002, p. 14).

4 Papel da família na formação do leitor

Para que todo esse trabalho produza resultado, faz-se necessário desenvolver com a família um trabalho de orientação da importância da leitura e da leitura diária do texto literário realizada em casa, tanto pelo aluno quanto pelos pais. Além disso, é essencial esclarecer a necessidade de os pais servirem como modelo de leitores a seus filhos, assim como incentivar e elucidar a importância dos programas culturais junto às crianças. Aproveito, em minha prática profissional, para conversar sobre esses tópicos nas reuniões de pais, momentos em que esclareço a importância de cada um deles e apresento as orientações e sugestões.

É preciso desenvolver um trabalho sistemático com a família desde o início do ensino fundamental para que possamos juntos – família e escola –, formar leitores do texto literário. Dessa maneira, o trabalho desenvolvido pela família irá ajudar a cultivar e desenvolver o prazer e hábito da leitura nas crianças iniciado pelo

professor-mediador. Segundo Petit (2009, p. 22), “a leitura é uma arte que se transmite mais do que se ensina. Vários estudos demonstram que a transmissão no seio da família permanece a mais frequente”. É ainda a mesma autora que ressalta que:

Várias pesquisas confirmaram a importância da familiaridade precoce com os livros, de sua presença física na casa, de sua manipulação, para que a criança se tornasse, mais tarde, um leitor. A importância, também, de ver os adultos lerem. E ainda o papel das trocas de experiências relacionadas aos livros, em particular as leituras em voz alta, em que os gestos de ternura, a inflexão da voz, se misturam com as palavras [...] O que atrai a atenção da criança é o interesse profundo que os adultos têm pelos livros, seu desejo real, seu prazer real (PETIT, 2008, p. 140).

Petit discorre também sobre a importância da tradição familiar como incentivo à leitura, pois “a maioria dos que leem viu e ouviu alguém ler durante a infância e manteve essa tradição familiar” (2008, p. 142). Além disso, a valorização dada ao conhecimento pela família é um fator determinante para a apropriação da leitura.

Sabe-se que o leitor forma-se no contexto social. Conforme Vieira (2017) defende (apud JUNQUEIRA; FEBA, 2017), “o leitor formado na família tem maior facilidade em lidar com os signos, compreende melhor o mundo no qual está inserido, senso crítico desenvolvido mais cedo”. Fica claro, aqui, a importância da mediação acontecer no seio da família na mais tenra idade da criança.

5 Considerações finais

O presente artigo discorreu sobre a importância da relação holística entre escola, família e professor no desenvolvimento da formação do leitor e do leitor do texto literário.

Por meio da discussão apresentada, constatou-se que as práticas de leitura desenvolvidas em sala de aula, devem ser trabalhadas de forma sistemática, não apenas pelo professor-mediador, mas também por toda a equipe da escola ao longo do ano letivo e durante todo o Ensino Fundamental I, II e Ensino Médio, para que possam efetivamente contribuir na formação do leitor-cidadão. Entretanto, como

ficou evidenciado, para que as práticas de leitura possam ser desenvolvidas pelos professores, faz-se necessário um trabalho de formação na área de leitura e do texto literário para que este mediador compreenda a sua importância na formação do leitor e do cidadão. Para que o professor incentive a leitura no aluno é decisivo que ele mesmo seja um leitor. Caso não seja, um trabalho com esse professor precisa ser realizado. Trabalho que precisa acontecer tanto na formação inicial quanto na continuada. Importante ressaltar também a necessidade de políticas públicas que possam oferecer suporte, amparo, e infraestrutura ao sistema educacional brasileiro para garantir a sistematização e continuidade do trabalho realizado pelos professores. Para que assim, possamos formar leitores, além de cidadãos críticos, reflexivos e autônomos.

Semelhante trabalho de conscientização sobre a importância da leitura e da literatura precisa ser administrado com as famílias. O intento é juntamente à escola promover o encontro do mundo da leitura nas crianças. A literatura é fonte de encantamento e possibilita várias experiências ao sujeito entre elas, sonhar, imaginar, fantasiar, despertar paixão, criar e refletir, essenciais ao ser humano no processo de humanização e cidadania e que não podem ser negadas.

Formação que abrange também toda a comunidade escolar, além das famílias, e principalmente os gestores das escolas (direção e coordenação), para que possam valorizar, sistematizar e dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos pelos professores da escola.

Não podemos impingir a responsabilidade de formar leitores somente aos professores, mas, sim, a toda sociedade, para que assim as mudanças ocorram de forma sistemática e contínua. Imprescindível a sociedade conscientizar-se da importância da literatura e da leitura, como necessidade e como direito, para participar do processo e impulsionar políticas de leitura e escrita. Cabe ressaltar a importância de todos os agentes no processo de formar leitores – professor, escola, família, espaços culturais, bibliotecas, livrarias, bibliotecários, diferentes mediadores e o próprio sujeito.

Neste sentido, torna-se essencial a aproximação dos alunos ao mundo da literatura para que possam usufruir de todos os benefícios advindos dela. Para

atingir tal intento, saliento a importância de dar voz ao aluno, ou seja, deixá-lo falar, pensar, a fim de que possa transformar-se em autor, não apenas de um texto, mas de sua própria história, pois a autonomia que se é oferecida ao aluno através das práticas, possibilita-o criar e não apenas reproduzir.

Essencial, portanto, para que haja a formação literária do sujeito, a aproximação da literatura com o leitor através do professor-mediador, da escola, da família, do bibliotecário, dos espaços culturais de leitura e da sociedade como um todo durante todo o ensino básico. Desta maneira, o sujeito terá experiências com os textos literários em um primeiro momento através desses diferentes mediadores. Estes proporcionarão a leitura por prazer e fruição, possibilitando leituras significativas ao leitor.

Encerro o artigo, com as palavras de Paulo Freire(1982): "A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele" (p. 22).

Ainda que o texto mais presente em sala de aula seja o texto escrito, não podemos esquecer que as várias leituras que fazemos do mundo ampliam nosso repertório e experiências e nos levam ao descobrimento de novas possibilidades de ação.

Referências

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**. O valor da escuta nas práticas de leitura. Tradução Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura Para Quê?** Tradução Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

DIOS, Cyana Leahy. **Educação literária como metáfora social: desvios e rumos**. Niterói: Eduff, 2000.

FAILLA, Zoara. **Retratos da Leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró - Livro, 2012.

FEBA, Berta Lucia; JUNGUEIRA, Renata (Orgs.). **Mediação de leitura: espaços e perspectivas na formação docente**. Tubarão: Ed. Copiart, 2017. (cap. 1)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1982.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. **Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas; professor alfabetizador – 2º ano**. Coordenação, elaboração e revisão dos materiais, Sonia de Gouveia Jorge e outros; adaptação do material original, Claudia Rosenberg Aratangy, Rosalinda Soares Ribeiro de Vasconcelos, Ivania Paula Almeida. 7ed. comp. , ver. e atual. dos volumes 1 e 2. São Paulo: FDE, 2014.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. **Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas; professor – 4º ano**. 7. ed. ver. e atual. São Paulo: FDE, 2015.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

PETIT, Michele. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Tradução Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed.34, 2008.

ROCCO, Maria Thereza Fraga. **Literatura/ Ensino: Uma problemática**. São Paulo: Ática, 1981.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

ⁱ Teresa Cristina Aliperti França Domingues, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2295-7749>

Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP)

Pedagoga formada pela PUC-SP. Mestra em Educação do Surdo pela Gallaudet University-Washington, DC. Mestra em Literatura e Crítica Literária pela PUC-SP. Doutoranda em Literatura e Crítica Literária pela PUCSP. Professora E.F.I. E.E. Conselheiro Antonio Prado-SP

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7919162397523451>

E-mail: teresacristinaaliperti@gmail.com

Editora responsável: Karla Colares Vasconcelos

Como citar este artigo (ABNT):

DOMINGUES, Teresa Cristina Teresa Cristina Aliperti França. O papel da escola, família e professor na formação do leitor literário. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 4, n. 1, 2023.